

# Uma particularidade do carnaval de Goiana

Maria Alice Amorim  
jornalista

**E**m duas localidades de Goiana, duas famílias preservam uma brincadeira única no carnaval pernambucano: as Pretinhas do Congo. Não se sabe exatamente de onde vem essa manifestação cultural, o certo é que ela guarda parentesco com as coroações de reis negros e, possivelmente, com a aruenda que também existiu em território goianense. Dois cordões de pretinhas saem, maracá na mão, respondendo às jornadas puxadas pela mestra e acompanhadas por instrumentos de percussão. No miolo, estandarte, rei, rainha e dois vassallos ou secretários corroboram a hipótese de origem comum de *Reis de Congo*, Maracatu, Cambinda e Pretinhas.

O cearense Oswald Barroso menciona, no livro *Reis de Congo*, um texto de Paulo Elpidio de Menezes, em que este conta como se passa a brincadeira dos congos na região do Crato, citando a presença de personagens, tais como rei, príncipe e secretário. Barroso ainda cita Menezes, ao referir-se ao canto dos congos do Cariri, na segunda metade do século XIX: "Oh, pretinhas do Congo/ para onde vão?! Nós vamos pro Rosaro/ festejá Maria". Aí estão alguns dos elementos que corroboram a existência do liame. Entrecruzam-se personagens, cantos e mesmo o nome da brincadeira goianense, retirada exatamente de uma das estrofes daquela cantiga.

Na praia de Carne de Vaca, uma senhora de 74 anos, Carminha Ribeiro, dá continuidade ao que o pai começou. Fundadas em 1930, as pretinhas eram da cidade, mas, com a transferência da família para o litoral, há 27 anos, é lá que sobrevivem. Adultas, jovens, adolescentes e crianças percorrem diversas ruas da localidade, parando em algumas delas para se apresentar na casa de conhecidos ou apreciadores anônimos. É o apito de dona Carminha quem indica as pausas e recomeço. Voz firme, postura altiva e boa memória na hora de tirar as jornadas são indispensáveis para que tudo corra bem.

Mãe, filhos e netos se esmeram no canto, na dança, no vestuário colorido, fazendo valer a tradição de família. Embora vivam em situação de pobreza extrema, quando o carnaval chega é de lei colocar as pretinhas na rua, até mesmo ante o desprezo de veranistas de classe média que as desrespeitam, jogando o carro no meio da exibição. Não obstante as dificuldades, per-

correm um longo caminho de barro batido, durante cerca de quatro horas, sol quente da tarde, sol posto de início de noite, parando nas casas em que há receptividade e prendas generosas em bebida e comida. Dona Carminha, dentre outras toadas, canta, à frente do grupo: "Pretinhas do Congo, para onde vão?"

De 1936 são as pretinhas do baldo do rio, tradição da família

do falecido babalorixá Heleno. Iguamente muito pobres, ainda assim fazem questão de brincar o carnaval, chegando a viajar a cidades vizinhas, mesmo com o brinquedo incompleto. A mestra Rosa Santos, sobrinha de Heleno, lembra que nos tempos de fartura tinha até carruagem, senhores de engenho, feitor e escravos. Hoje, além de rei, rainha, vassallos, ban-

deirista e cordões das pretinhas, há somente alguns escravos com enxada na mão. O irmão de Heleno, Edvaldo Ramos da Silva, atual coordenador da agremiação, acompanhou o cortejo a cavalo, durante o desfile na federação de Goiana. Eram dois cavalos a acompanhar o grupo. Um elemento a mais na composição da cena, propositadamente ou não.

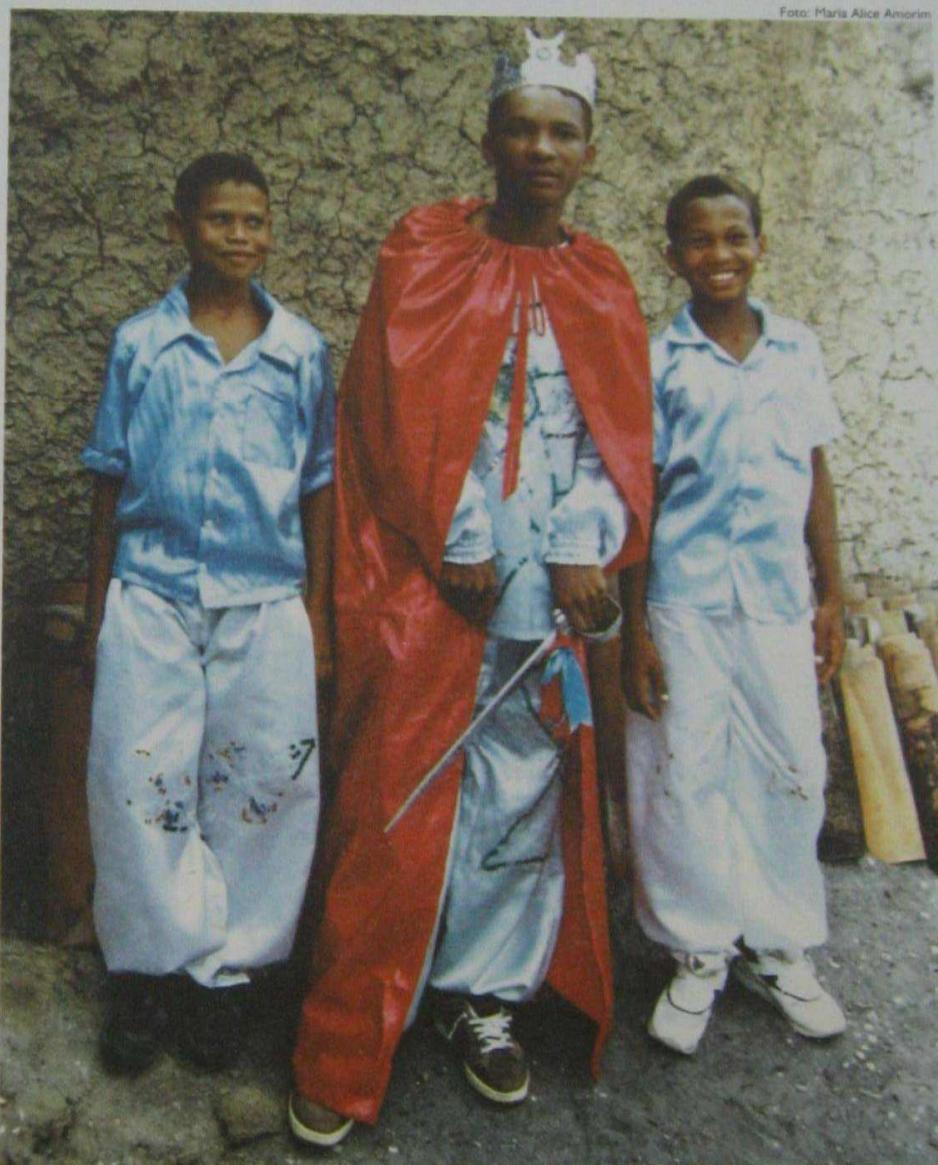


Foto: Maria Alice Amorim

O rei das Pretinhas do Congo de Carne de Vaca desfila acompanhado de dois secretários